

**Movimentos urbanos contemporâneos: Conceitos para o desenho urbano
sob a abordagem das Cidades Compactas, *New Urbanism*, *Smart Growth*,
Smart Cities e Eco Bairros**

**Contemporary Urban Movements: Concepts for urban design under the
Compact Cities, New Urbanism, Smart Growth, Smart Cities and Eco
Neighborhoods approach**

Gabrielle Veroneze Mendes Muniz¹, Nadia Somekh²

¹ Mestranda na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil, gabrielleveroneze@gmail.com

² Professora Doutora Emérita na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil, nadiasm@terra.com.br

RESUMO

O rápido crescimento urbano desafia as metrópoles de todo o mundo com problemas conhecidos como infraestrutura insuficiente, baixa oferta de transporte público a toda população, intenso fluxo de veículos, carência de áreas verdes e lazer, degradação ambiental e em especial a dispersão urbana. Dentro deste contexto, surgem movimentos alinhados a conceitos de um urbanismo contemporâneo que buscam respostas para um desenvolvimento sustentável e inteligente em escala local, mais especificamente em meados dos anos 1980 na Europa e nos EUA. No Brasil essa influência se torna efetiva a partir dos anos 1990, porém com fragilidades e carente de estudos para verificação da sua melhor-aplicação. Desta forma, este artigo busca compreender o que são esses movimentos urbanos contemporâneos, conhecidos como Cidades Compactas, *New Urbanism*, *Smart Growth*, *Smart Cities* e Eco bairros e quais são os principais conceitos, premissas e estratégias aplicadas no contexto urbano brasileiro. Como metodologia, o trabalho será pautado sob o entendimento dos processos da rápida urbanização das metrópoles, expansão urbana dispersa e por consequência a adoção de novos conceitos para a criação de modelos para um desenho e planejamento urbano contemporâneo. Serão elencados quais são os movimentos urbanos contemporâneos conceituados a partir de princípios de um desenvolvimento local sustentável e inteligente para posteriormente analisa-los e categoriza-los sob o ponto de vista de seus conceitos e premissas fundamentais.

Palavras-chave: Cidades compactas, crescimento inteligente, movimentos urbanos contemporâneos, desenvolvimento sustentável;

ABSTRACT

Rapid urban growth challenges metropolises around the world with known problems such as insufficient infrastructure, a low supply of public transportation to the entire population, intense traffic flow, lack of green areas and leisure, environmental degradation and especially urban sprawl. Within this context, there are movements aligned with concepts of a contemporary urbanism that seek answers for a sustainable and intelligent development in local scale, more specifically in the middle of the 1980s in Europe and the USA. In Brazil this influence becomes effective from the 1990s, but with weaknesses and lack of studies to verify its best application. In this way, this article seeks to understand what these contemporary urban movements, known as Compact Cities, *New Urbanism*, *Smart Growth*, *Smart Cities* and Eco neighborhoods are, and what are the main concepts, premises and strategies applied in the Brazilian urban context. As a methodology, the work will be based on the understanding of the processes of rapid urbanization of the metropolises, urban sprawl and consequently the adoption of new concepts for the creation of models for contemporary urban design and planning. It will be listed which are the contemporary urban movements conceptualized from the principles of a sustainable and intelligent local development to later analyze them and categorize them from the point of view of their fundamental concepts and premises.

Key-words: Compact cities, smart growth, contemporary urban movements, sustainable development

INTRODUÇÃO

No Brasil, a partir da década de 1980 começam a surgir algumas discussões a respeito dos principais movimentos urbanos contemporâneos conceituados a partir de princípios de um desenvolvimento local sustentável e inteligente. Porém, considerando as particularidades e condicionantes projetuais das cidades brasileiras, se faz necessário compreender os processos de transformações dos novos modelos de ocupação urbana contemporânea, caracterizando e comparando os movimentos, a fim do melhor entendimento das suas influências no atual processo de produção territorial urbano das cidades brasileiras.

Existem bairros e núcleos urbanos que já vem se apropriando desses conceitos na concepção dos seus projetos, buscam novos valores e princípios projetuais, tanto no âmbito da arquitetura quanto da escala urbana, são projetos elaborados com intenções claras dos elementos relativos a cidade, edifícios, comunidades, usuários e transportes. A cada desenvolvimento é gerado uma nova camada de conhecimento e aprimoramento, porém ainda é preciso maturação, especificidade e pesquisas das interfaces de todos os movimentos, tendências, conceitos e critérios, principalmente no que tange a aplicabilidade e viabilidade para a produção brasileira. (NETO, 2014)

Desta forma, o objetivo deste artigo será compreender o que são esses movimentos urbanos contemporâneos, conhecidos como Cidades Compactas, *New Urbanism*, *Smart Growth*, *Smart Cities* e Eco bairros e quais são os principais conceitos, premissas e estratégias aplicadas no contexto urbano brasileiro. O trabalho será pautado sob o entendimento dos processos da rápida urbanização das metrópoles, expansão urbana dispersa e por consequência a adoção de novos conceitos para a criação de modelos para um desenho e planejamento urbano contemporâneo.

REFERENCIAL TEÓRICO

Com o início da Revolução Industrial no século XVIII, observa-se um crescimento vertiginoso das cidades, causado pelo movimento da população do campo em direção as cidades. As cidades têm sofrido profundas alterações ao longo dos séculos, sendo umas das mais visíveis o rápido crescimento resultante da industrialização e do aumento na mobilidade proporcionada pelos sistemas de transportes. Na última década do século XXI o mundo se tornou majoritariamente urbano com uma população que ultrapassou a marca dos 7 Bilhões, onde a maioria vive nas áreas urbanas das grandes cidades.

Para as cidades brasileiras a urbanização é um fenômeno relativamente recente, na década de 1940 a maior parte da população vivia nas áreas rurais. Na década de 1970, conforme censo realizado pelo IBGE (2010), a população se torna predominantemente urbana e desde então a taxa de urbanização cresceu de 55,9% para 81% em 2000, até atingir em 2010 a taxa de 84,4%. Esse crescimento pode ser sentido especialmente nas dez principais regiões metropolitanas brasileiras.

“Na contemporaneidade da urbanização brasileira, verifica-se um amplo processo de reestruturação caracterizado pela “explosão” das tradicionais formas de concentração urbana e pela emergência de novas formas espaciais. Na escala intra-urbana, o fenômeno da “dispersão urbana” está alterando a morfologia urbana tradicional, gerando novas centralidades e novas periferias...” (SOARES 2005, p.30)

A expansão e urbanização trouxeram efeitos como um crescimento populacional fragmentado, desordenado e disperso, caracterizado por ocupações periféricas e descontínuas ao redor dos perímetros municipais, eixos de polarização linear e lindeiro aos eixos estruturais rodoviários. Segundo Reis Filho (2006, p.20) a existência de uma “urbanização dispersa” é

caracterizada pelos deslocamentos de atividades tipicamente urbanas para o campo, conformando-se em uma série de polos urbanos separados por vazios rurais.

A urbanização dispersa não acontece somente nas grandes cidades e não é uma exclusividade de áreas ocupadas por população de baixa ou alta renda. De acordo com Ojima (2010) devemos analisar dois padrões de aglomerações urbanas com taxas de crescimento populacional semelhantes no mesmo período, uma pode configurar uma forma urbana compacta, verticalizada e monocêntrica, enquanto a outra poderá conformar o seu espaço urbano de modo disperso, horizontalizado e policêntrico.

Esses padrões são considerados desafiadores para o planejamento regional praticado atualmente, principalmente na abordagem para um futuro saudável e sustentável das cidades. No tocante à qualidade de vida das pessoas, a dinâmica da economia e a exploração dos recursos naturais.

Essa tendência é claramente sentida também nos países da Europa. Para Louro (2011) nas últimas décadas grandes cidades europeias cresceram de maneira dispersada e descentralizada. Nos Estados Unidos, a análise desses processos já vem sendo bastante debatida e articulada em produções do espaço urbano, e alguns conceitos começaram a ser estudados como o *Urban Sprawl*¹.

O *Urban Sprawl* é um padrão de ocupação urbana dispersa baseado em zonas de baixas densidades, gerando maior ocupação e espalhamento do tecido urbano, sendo principalmente utilizado por edificações habitacionais unifamiliares, afirma Kiefer (2003). Sobretudo uma das principais características abordadas para a causa desse espalhamento (*sprawl*) se dá no período pós-Segunda Guerra, quando os norte-americanos começam a buscar mudanças no estilo de vida, ou seja, a população de média e alta renda migraram para longe dos grandes centros urbanos a fim de alcançar mais qualidade de vida e segurança, dando início aos grandes loteamentos e condomínios monofuncionais.

Segundo Gonçalves (2014) a classe média dos Estados Unidos começa a se inspirar em alguns exemplos de planejamento urbano à escala da cidade e do bairro, baseados nos padrões urbanísticos da Cidade-Jardim de Howard (1902). Para Ebenezer Howard a proposta da Cidade-Jardim não se referia a um modelo espacial, mas um “esquema teórico de uma cidade autônoma”, a união entre cidade e campo proporcionaria a oportunidade de elevação de nível de saúde e bem-estar da população, garantindo a valorização da natureza humana. Assim como uma busca pela autossuficiência com áreas residenciais, comerciais e equipamentos urbanos com intuito de proporcionar a independência do automóvel pelos usuários do local, porém os norte-americanos adaptaram alguns conceitos e o principal destaque foi a restrição de acesso, visando segregar e afastar classes sociais.

A cultura e modo de vida norte americano serve de influência e fonte de inspiração para diversas culturas mundiais, inclusive para o Brasil. Desta forma, na segunda metade do século XX, inicia-se no Brasil a reprodução dos condomínios e loteamentos segundo o conceito dos subúrbios² americanos, com o modelo monofuncional, com baixo adensamento, segregando usos, classe sociais e claramente insustentável a longo prazo.

Conforme aponta Caldeira (2000):

“...de Buenos Aires a Los Angeles, processos semelhantes ocorrem: o erguimento de muros, a secessão das classes altas, a privatização dos espaços públicos e a proliferação das tecnologias de vigilância estão fragmentando o espaço das

¹ Entende-se *Urban Sprawl* por Urbanização dispersa. Tradução nossa

² Etimologicamente, significa o espaço que cerca uma cidade. Nos EUA é denominado como bairros periféricos constituídos de ocupações de baixa densidade, porém de alto luxo.

idades, separando grupos sociais e mudando o caráter da vida pública de maneira que contradizemos ideais modernos da vida urbana” (CALDEIRA, 2000, p. 328).

No Brasil o primeiro loteamento fechado surgiu em 1974, o Alphaville, com o intuito de estabelecer uma relação de apoio às empresas multinacionais que originalmente estavam se instalando ao longo da Rodovia Castelo Branco, o sucesso foi grande e posteriormente foram lançados mais 11 Alphavilles e diversos outros loteamentos e condomínios com características similares, localizados ao longo das principais rodovias e médias cidades das regiões metropolitanas.

Na década de 1980, problemas urbanos como segurança pública, degradação de áreas centrais motivaram a proliferação de condomínios e loteamentos horizontais, criando novas possibilidades e sonhos às classes média e alta brasileiras. Conseqüentemente essa prática, a opção por morar em grandes residências com quintais, piscina privativa, exclusividade e segurança também torna-se uma busca por status.

Segundo Macedo (2011), simultaneamente-neste período, nos Estados Unidos, esse modelo começa a perder a atratividade, por ser um modelo fragmentado, segregador, monofuncional, e que torna os moradores dependentes do uso de automóveis. Em busca de novas perspectivas, inclusive de enfrentamento a essa prática da criação de condomínios e loteamentos monofuncionais, a sociedade demonstra a necessidade de um planejamento urbano holístico, que levasse em consideração não só as diretrizes físico-territoriais, mas também as condições econômicas, políticas e ambientais das cidades, sobretudo enquadradas nos movimentos ambientalistas associados à sustentabilidade.

A Sustentabilidade começa a ser tratada como uma grande preocupação para o século XXI, em 1983 quando é organizada uma Comissão³ Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento e quatro anos depois, é publicado o relatório “*Our common future*” ou “Relatório de Brundtland”. Em 1992, no Rio de Janeiro, a realização da Conferência sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (ECO), consolidou o conceito de desenvolvimento sustentável. Outra importante conquista da Conferência foi a Agenda 21, um amplo e abrangente programa de ação visando a sustentabilidade global no século XXI.

A partir de então a sustentabilidade ganha maior relevância nos cenários da arquitetura e do planejamento urbano mundial, com estudos como “*Cities for a small planet*” (Rogers e Gumuchjan, 1998) e “*Sustainable Urbanism: Urban Design With Nature*” (Farr, 2007), onde o objetivo dos estudiosos se voltam para a melhoria das condições de vida urbana nas cidades.

(...) cidade sustentável é o assentamento humano constituído por uma sociedade com consciência de seu papel de agente transformador dos espaços e cuja relação não se dá pela razão natureza-objeto e sim por uma ação sinérgica entre prudência ecológica, eficiência energética e equidade socioespacial. (ROMERO, 2007 p.51)

Para Rogers (1998), as cidades são o palco, onde convergem os problemas sociais, políticos e globais, cuja dinâmica acentua esta problemática. Desta forma, entende-se que o meio urbano é a principal ferramenta para propor ações que gerem soluções para uma sustentabilidade global, sendo necessário pensar e planejar os usos e ocupações de seus espaços urbanos. Dentro deste contexto, entre as décadas de 1980 e 1990, começam a surgir concepções e soluções de cidades, bairros e núcleos. Alguns estudos os denominam como movimentos urbanos contemporâneos que buscam, quem sabe, uma evolução teórica ou até a reinvenção do conceito do Urbanismo dentro de uma nova corrente de pensamento.

³ Comissão foi criada pela Organização das Nações Unidas (ONU) presidida por Gro Harlem Brundtland

Movimentos urbanos contemporâneos

Os movimentos urbanos são entendidos como um processo de manifestação levantado por problemáticas urbanas, que dizem respeito ao uso, apropriação do espaço urbano, distribuição de serviços, infraestrutura e outras questões relativas ao território e o seu ordenamento. De acordo com Jacobi (1999) “*esta problemática urbana é a manifestação da crise da cidade capitalista, decorrente da ação contraditória do Estado, que gera um processo de politização do cotidiano*”. Movimentos urbanos, de um modo geral, são considerados inovadores e se organizam para a reivindicação das formas tradicionais de atuação dos âmbitos políticos, culturais, sociais e econômicos, propondo novas identidades e possíveis soluções para as problemáticas levantadas.

Diante do exposto, considera-se como movimentos urbanos contemporâneos as Cidades Compactas, *New Urbanism*, *Smart Growth*, *Smart Cities* e *EcoBairros*, pois todos lutam e reivindicam uma nova forma de ler, compreender, organizar e ocupar o território urbano das grandes e médias cidades no mundo.

Esses movimentos possuem iniciativas para implementação de melhorias no ambiente urbano, com esforço e interação entre o desenvolvimento urbano e os valores “comunitários”, de uma certa escala humana, enfim uma espécie de síntese entre a tradição antimodernista, e o pragmatismo mercadofilo, sendo acrescido o estilo pós-modernista. (SOUZA, 2002, p.144).

Os conceitos desses movimentos possuem a intenção incorporar novos comportamentos no meio urbano, assim como, controlar os efeitos de uma urbanização dispersa “*Urban sprawl*”. Na tabela 1 são apresentados os aspectos da urbanização dispersa, afim de comparar e contrapor as características dos movimentos contemporâneos.

Tabela 1 – Comparativo entre a urbanização dispersa e os novos movimentos (Cidades compactas, Smart Growth, Smart Cities, New Urbanism e Eco bairros)

Urban Sprawl (urbanização dispersa)	Cidades Compactas, <i>Smart Growth</i> , <i>Smart Cities</i> , <i>New Urbanism</i> e Eco Bairros
Dispersão	Maior adensamento, compacidade e melhor aproveitamento e uso do solo
Expansão em áreas rurais ou naturais, conurbação	Revitalização de áreas degradadas urbanizadas
Aumento nas distâncias e viagens percorridas por automóveis	Caminhos amigáveis ao pedestre e ciclista, Uso do transporte coletivo, Conectividade
Núcleos monofuncionais	Usos mistos e diversificados

Fonte: Elaborada pela autora a partir de NEGREIROS, 2009, p. 34

Cidades compactas

Alguns teóricos analisando os aspectos do crescimento desenfreado das grandes metrópoles, como a dispersão urbana, o desperdício dos recursos naturais, insuficiência de infraestrutura e a precariedade da vida humana, concluíram que seria necessário adensar, diversificar e compactar o espaço urbano, propiciando um desenvolvimento sustentável, de forma a concentrar tecnologia e inovação para proporcionar o crescimento inteligente do território. (LEITE, 2010)

As cidades são o palco da efervescência social, cultural, econômica e política, sendo estas dinâmicas necessárias para legitimação da condição contemporânea. Porém, ao mesmo tempo que elas mostram sua relevância para este século, também indicam como os processos de transformação podem ser agressivos ao território e ao ser humano ao longo do tempo. Para Rogers e Gumuchdjan (2016), o crescimento das cidades não tem considerado as condicionantes do meio

ambiente natural com suas limitações e fragilidades. Elas crescem sustentadas por critérios claramente relacionados ao capital, negligenciando aspectos das esferas ambiental, social e espacial, fator determinante para consolidar cidades agressivas, destruidoras e insensíveis ao ecossistema.

Assim, Rogers e Gumuchdjan (2016) propõe uma organização de cidades segundo o conceito de cidade compacta que exige a rejeição do modelo de desenvolvimento monofuncional e a predominância do automóvel, princípios do pensamento moderno.

Dentro dessa lógica, pensar e planejar cidades deve considerar mobilidade urbana eficiente com menor emissão de CO₂, uma maior oferta de espaços multifuncionais, espaços públicos que potencializem a atividade humana e a dinâmica urbana.

“New Urbanism” – Novo Urbanismo

O Novo urbanismo surgiu após o interesse de diversos arquitetos e planejadores urbanos proporem novas formas de configuração do espaço urbano, defendendo o uso de transporte alternativo com ênfase na caminhabilidade, unidades de vizinhança compactas com uso misto, áreas verdes, enfim qualidade de vida. Os autores Hall (2016), Peter Newman e Jeffrey Kenworthy, em 1989, chegaram à conclusão que os norte-americanos consumiam muito mais energia que todo o resto do mundo, uma vez que todas as cidades americanas eram dispersas e seus moradores completamente dependentes de carros. Concluíram, portanto, que a solução seria criar cidades mais densas, compactas e sobretudo com uma urbanização baseada em unidades de vizinhança razoavelmente pequenas.

A partir dessas constatações, começam a surgir arquitetos e urbanistas interessados em reformular as soluções para as cidades norte americanas. Na Califórnia, os arquitetos Peter Calthorpe e do outro lado do país, na Flórida, Andrés Duany e Elizabeth Plater-Zyberk. Contudo, um dos urbanistas novos e mais influentes não era norte americano, Léon Krier, um luxemburguês que trabalhava e vivia no Reino Unido e que por intermédio de seus contatos, criou e organizou o Congresso para o Novo Urbanismo como um movimento alternativo ao Congresso Internacional de Arquitetura Moderna – CIAM.

Os novos urbanistas foram muito influenciados por ideias e críticas feitas por Jane Jacobs (2001), em defesa do espaço urbano com desenho tradicional de bairro e também pela teoria da da boa forma e da imagem da cidade, Lynch (1960)

O novo urbanismo foi oficializado como um movimento em 1993, após a realização do Congresso, em Alexandria, Virgínia e atualmente é uma poderosa e consolidada organização com sessões estaduais e milhares de filiados pelo mundo. Porém, o Novo Urbanismo também vem recebendo duras críticas, como aponta Krier (1998) dizendo que alguns empreendimentos estão sendo produzidos a fim de reforçar a suburbanização, reforçando a segregação espacial e social urbana e, sobretudo não conseguindo sustentar os conceitos e princípios idealizados pelo movimento.

“Smart Growth” – Crescimento inteligente

O Smart Growth surgiu em meados da década de 1980, sendo popularizado pelos urbanistas Peter Calthorpe e Andrés Duany (2000), sendo direcionado para um desenvolvimento urbano por meio de políticas sustentáveis e ambientalistas, com premissas de adensamento urbano, alternativas de transporte (FARR,2007), desenho urbano orientado para o pedestre, adoção de usos mistos, senso de lugar e espírito comunitário, reabilitação de áreas degradadas, busca por qualidade de vida e bem estar do usuário e políticas de desenvolvimento econômico local. (RIO, RHEINGANTZ e KAISER, 2009).

O termo crescimento inteligente é a reformulação da palavra “crescimento” para uma palavra associada ao desenvolvimento. É importante salientar a distinção do *Smart Growth* da expansão urbana, pois esta é a causa dos grandes problemas existentes do crescimento urbano desmedido e disperso, como a insuficiência de recursos, infraestrutura e a degradação ambiental. Os princípios do *Smart Growth* são voltados aos interesses de cidades, núcleos e bairros sustentáveis com intuito de oferecer maior variedade e eficiência de opções de infraestrutura para transportes, habitações, equipamentos urbanos, desenvolvimento econômico e social, porém priorizando essas ações em territórios já urbanizados, para o redesenvolvimento ao invés da ocupação de novas terras.

Eco Bairros

O conceito de Eco Bairros surgiu em oposição às novas práticas de urbanismo embasadas pelos critérios de sustentabilidade. Segundo alguns autores eles possuem uma dimensão mais ecológica, com uma abordagem de maior eficiência energética, redução de emissões no ar, na água e no solo, melhorando inclusive as relações sociais de seus moradores. Eles trabalham os aspectos sociais, econômicos e ambientais de forma integrada, destacando que os resultados são obtidos a longo prazo, dentro de uma visão de impactos de longo alcance e da economia de consumo de recursos. Enfim, os Eco Bairros se caracterizam por incorporar os princípios da ecologia urbana ao projeto, o que os torna uma alternativa para a construção de cidades habitáveis e sustentáveis.

“Smart Cities” – Cidades inteligentes

Durante os anos 1990, os termos *smart city* e *smart growth* possuíam princípios convergentes defendendo novas políticas de planejamento urbano.

No início do século XXI, a expressão *smart city* ganhou uma nova conotação voltada aos conceitos relacionados a tecnologia, sistemas de informação e redes de dados. Por ser um fenômeno recente ainda existem muitas controvérsias a respeito, muitas vezes seu enfoque é voltado para a definição de cidades criativas, participativas e sustentáveis que utilizam tecnologias como ferramenta para os processos de gestão urbana e planejamento participativo com os cidadãos.

Para alguns autores, uma *smart city* é um sistema de pessoas que interagem e usufruem de tecnologias que geram informações para a contribuição de melhorias no contexto urbano e a criação de uma economia criativa baseada em análise de dados. (California Institute for Smart Communities, 2004).

Autores como Castells (1996) e Sassen (2010) defendem que as cidades contemporâneas são construídas com base nas tecnologias de informação, denominando-as como sociedades informacionais. Hall (2016) coloca que alguns planejadores consideravam essas transformações nocivas a dinâmica das cidades, pois o fluxo de informações poderia levar à “Morte da Distância” já que qualquer atividade poderia ser exercida em qualquer lugar, desde que as conexões digitais estivessem disponíveis, substituindo os lugares geográficos e físicos, por espaços de fluxos digitais que perderiam seus significados culturais, geográficos e históricos.

As novas propostas das *Smarts Cities* buscam justamente a contraposição a esses pensamentos, evidenciando que a tecnologia deve estar completamente atrelada ao ser humano sendo as cidades o meio para a congregação e interação desses dois elementos.

Cidades inteligentes são aquelas que monitoram e integram as condições de operações de todas as infraestruturas críticas da cidade, atuando de forma preventiva para a continuidade de suas atividades fundamentais (HALL, 2016).

MÉTODO

A partir de um conhecimento previamente consolidado e contextualizado pela revisão teórica dos impasses colocados pelo urbanismo moderno, perante as cidades e suas configurações no mundo urbanizado contemporâneo, a revisão bibliográfica se baseou em fundamentos teóricos pautados sob o contexto da rápida urbanização das metrópoles, expansão urbana dispersa, novos modelos de desenho e planejamento urbano contemporâneos e aspectos para uma estrutura urbana sustentável.

Por meio da revisão teórica foram elencados os movimentos urbanos contemporâneos conceituados a partir de princípios de um desenvolvimento local sustentável e inteligente, especialmente os princípios das Cidades Compactas, do *New Urbanism*, do *Smart Growth*, das *Smart Cities* e dos Eco Bairros, por meio de pesquisadores e autores como Leon Krier, Jane Jacobs, Kevin Lynch, Peter Calthorpe, Peter Hall, Richard Rogers, dentre outros.

Com o levantamento dos movimentos urbanos contemporâneos, foi elaborado um quadro comparativo dos movimentos a partir da categorização dos seus princípios, como compacidade, mobilidade, espaço público e área verde, diversidade urbana e expressão arquitetônica, eficiência no uso dos recursos naturais, atividades sociais e políticas e interação com tecnologias. A partir de cada categoria foram descritos aqueles itens que diretamente se relacionam a cada movimento urbano. Essas informações obtidas por meio desse levantamento fundamentarão as novas etapas da pesquisa de mestrado, que por meio desses dados viabilizarão a verificação da aplicabilidade dos conceitos em projetos urbanos privados implantados no território brasileiro.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As novas tendências e movimentos propõem compreender melhor o espaço urbano para identificar as centralidades e limites, potencialidades e conflitos. Essa identificação colaboraria na criação de soluções para melhorias do planejamento urbano, aliados a estratégias de desenvolvimento econômico, social e ambiental. (LEITE e AWAD, 2012).

Trazendo para o cenário brasileiro a evolução desses fundamentos e movimentos começam a penetrar e gerar fortes impactos, semelhantes ao que já vem acontecendo em diversos países da América do Norte, Ásia e Europa. A aplicabilidade desses conceitos e critérios está sendo cada vez mais testada e aperfeiçoada, ganhando forma e consistência.

No Brasil, as Cidades Compactas, o *New Urbanism*, o *Smart Growth*, a *Smart City* e os Eco Bairros servem de inspiração e referência para o desenvolvimento e implantação de novos projetos. Diante disso, nos últimos anos começam a surgir, sobretudo, nas principais regiões metropolitanas, um processo de produção imobiliária baseada nos conceitos de um modelo ideal de “cidade compacta e ou sustentável”, com a criação de novos núcleos, bairros e comunidades que de alguma forma tentam se apropriar dos conceitos dos movimentos urbanos contemporâneos.

A tabela 2, abaixo mostra o comparativo entre os movimentos do urbanismo contemporâneo com os seus princípios sintetizados em 5 categorias.

Tabela 2: Movimentos do urbanismo contemporâneo com os seus princípios sintetizados em 5 categorias.

Princípios e Categorias	Movimentos Urbanos				
	CC	NU	SG	EcoB	SC
Itens relacionados à Compacidade					

Uso misto e diversidade: morar, trabalhar, consumir e recrear dividindo uma mesma zona;	X	X	X	X	X
Aumento da densidade: mais pessoas em um espaço com menor projeção;	X	X	X		X
Itens relacionados à Mobilidade					
Facilidade para pedestres: simplificação de caminhos e acessos aos meios de transporte;	X	X	X	X	X
Conectividade: interação das cidades/bairros com o restante da cidade, com transporte público e outras alternativas;	X	X	X	X	X
Transporte público ambientalmente adequado: que não interfira diretamente no trânsito, não prejudicando o fluxo deste;	X	X	X	X	X
Itens relacionados ao Espaço Público e Área verde					
Preservação do espaço livre, agrícola e natural, encontrando formas de compensação que controlem a especulação;				X	
Aumento de áreas verdes e espaços de integração	X	X	X	X	X
Itens relacionados a diversidade urbana e expressão arquitetônica					
Diversificação das moradias, promovendo a interação de diferentes classes sociais e idades;	X	X	X	X	X
Qualidade do projeto arquitetônico e urbanístico;		X			
Estrutura de um bairro tradicional: estruturar os bairros com quadras tradicionais, projetos de vizinhança para pedestres;	X	X	X	X	X
Qualidade de vida: visar sempre bem-estar social dos usuários.	X	X	X	X	X
Desenvolver um sentido de “lugar” e identidade;	X	X	X	X	
Promover o desenvolvimento de “Comunidades” de vizinhança;	X	X	X	X	X
Itens relacionados a eficiência no uso dos recursos naturais					
Princípios sustentáveis, como reutilização de águas pluviais, de resíduos, iluminação solar, etc;	X		X	X	X
Apoiar a agricultura local, projetos ecológicos urbanos e jardinagem comunitária;	X		X	X	X
Promover a reciclagem, tecnologias inovadoras apropriadas, e a conservação de recursos;	X		X	X	X
Itens relacionados a atividades sociais e políticas					
Desenvolver um conhecimento aprofundado sobre os temas e problemas locais e incluir análises de custo-benefício;		X	X	X	X
Encorajar os habitantes e os agentes a participarem no processo.	X	X	X	X	X
Promover a simplicidade voluntária e estilos de vida frugais e desencorajar o consumo excessivo de bens materiais;	X			X	
Aumentar a consciência sobre o ambiente local através do ativismo e de projetos educacionais que aumentem a consciência ecológica;	X			X	
Trabalhar com empresas para apoiar uma atividade econômica ecológica ao desencorajar a poluição e a produção de resíduos;	X			X	X
Itens relacionados a Tecnologias					
Capacidade intelectual da criação, inovação e invenção para novas comunidades;	X	X	X		X
Inovação e ferramentas tecnológicas em favorecimento ao planejamento urbano;	X	X	X		X
Oferta e disponibilidade de infraestrutura para comunicação dos indivíduos dessa comunidade;	X	X	X		X

Fonte: Elaboração das autoras, 2017

Analisando a tabela categorizada dos princípios e relacionando-as aos movimentos urbanos contemporâneos, vemos um equilíbrio no atendimento dos princípios relacionados a compacidade, mobilidade, valorização de áreas verdes e espaços de integração, diversidade urbana, expressão arquitetônica e desenho urbano e eficiência no uso dos recursos naturais. Os movimentos como o New Urbanism e Smart Growth atendem sobretudo os itens relacionados aos aspectos econômico e socioespaciais, o Ecobairro possui uma inclinação a dimensão ambiental, a Smart City busca o

atendimento de todos os princípios que se estruturam por meio das tecnologias e a Cidade Compacta é percebida não somente como um movimento mas sobretudo uma vertente que defende o planejamento de cidades e núcleos urbanos pautados sob novos conceitos que potencializem as atividades e dinâmicas urbanas contemporâneas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O século XXI é o século das cidades e sobretudo cidades com uma lógica contemporânea, onde os valores sociais, culturais e políticos estão passando por profundas transformações e ou até mesmo por reinvenções. A dimensão ambiental felizmente torna-se objeto de discussões e possibilidades para a consolidação de uma visão sistêmica da palavra sustentabilidade.

Neste artigo, buscou-se trazer um pequeno esboço acerca do crescimento desenfreado das principais cidades brasileiras, discutindo alguns dos principais processos de transformação territorial urbano, como por exemplo a dispersão urbana e por consequência os novos modelos de produção desse território. Conforme citado acima, a sustentabilidade ganhou maior relevância e começou a fazer parte das discussões sobre planejamento urbano e projeto de arquitetura, permitindo o acesso a novas mentalidades que se contrapõem ao antigo modelo de produção e ocupação do espaço urbano, há muito fadado ao fracasso.

No Brasil, estes conceitos e premissas de um urbanismo contemporâneo, preocupado com as questões sociais, econômicas, ambientais e sobretudo com o indivíduo que ali habita começaram a surgir somente em meados das décadas de 1990 e 2000. Para muitos teóricos a aplicabilidade positiva desses conceitos ainda passa ao largo da atual produção e do espaço urbano.

Como vimos os movimentos urbanos contemporâneos buscam uma contraposição ao antigo modelo de produção e ocupação urbana, que sobretudo geraram cidades dispersas, fragmentadas, monofuncionais e insustentáveis. Esses movimentos buscam a melhor interação projetual dos itens como adensamento, diversidade de usos e rendas, geração de empregos, mobilidade, valorização dos espaços públicos e áreas verdes, eficiência no uso dos recursos naturais, buscando a melhoria da qualidade de vida, a recuperação das comunidades e da identidade local na cidade contemporânea.

No entanto, as particularidades e condicionantes das cidades brasileiras dificultam a aplicabilidade e viabilidade destes modelos, gerando dúvidas e preconceitos por parte da população, poder público e mercado imobiliário, sendo ainda necessário um conhecimento específico e maduro dos principais conceitos, princípios e critérios, para então entender de que forma eles poderiam ser articulados, vencendo as fragilidades e vulnerabilidades ocasionadas por um território já consolidado e imerso na problemática de um país em desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

- CALDEIRA, T.P. do R. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: EDUSP/Paralelo 34, 2000.
- CASTELLS, M.; HALL, P. **Tecnopoles of the world: the making of twenty-first-century industrial complexes**. London: Routledge, 1994
- DUANY, Andrés; PLATER-ZYBERK, Elizabeth; SPECK, Elizabeth. **The Rise of Sprawl Suburban and the Decline of Nation: the American Dream**. New York: North Point Press, 2000.
- FARR, D. **Urbanismo sustentável – desenho urbano com a natureza**, Porto Alegre, Bookman, 2013
- HALL, Peter. **Cidades do amanhã: uma história intelectual do planejamento e do projeto urbano no sec. XX**. São Paulo: Perspectiva, 2016
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- JACOBI, Pedro. **Cidade e meio ambiente: percepções e práticas em São Paulo**. São Paulo, Ed. Anna Blume, 1999
- JACOBS, Jane. **Vida e Morte das Grandes Cidades Americanas**. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 2001 (1961 ed. original).
- KIEFER, M.J. **Suburbia and its Discontents**. Harvard Design Magazine, n.19, 2003.
- KRIER, Léon, **Architecture Choice or Fate**, Papadakis Publisher, 1998
- LEITE, Carlos. AWAD Juliana C. Marques. **Cidades Sustentáveis Cidades Inteligentes: desenvolvimento sustentável num planeta urbano**. Porto Alegre: Ed. Bookman, 2012.
- LOURO, A. **O Uso do Tempo Associado à Mobilidade das Famílias Como Elemento Diferenciador na Configuração de Uma Comunidade Sustentável**. Lisboa, IGOT / CEG - Universidade de Lisboa. 2011.p 49
- LYNCH, Kevin. **The image of the city**. Cambridge: The M.I.T. Press, 1960.
- MACEDO, Joseli. **A (in) sustentabilidade do desenvolvimento urbano nos Estados Unidos: o que as cidades brasileiras podem aprender com as americanas**. Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba, n.120, p.277-296, jan. /jun. 2011
- NEGREIROS, I. **Diretrizes para projetos de loteamentos urbanos considerando os métodos de avaliação ambiental**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Engenharia de Construção Civil. Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2009. 161 p.

NETO, Hélio Mítica, **a evolução recente das urbanizações planejadas pela iniciativa privada**, In Comunidade Planejadas. ADIT, Editora Viva, Maceió, 2014.

OJIMA, R. **Novos contornos do crescimento urbano brasileiro? O conceito de urban sprawl e os desafios para o planejamento regional e ambiental**. GEOgraphia, Niterói: UFF, Departamento de Geografia, Pós-graduação em Geografia, v.10, n.19, p.46-59, 2008.

REIS FILHO, Nestor G. **Notas sobre urbanização dispersa e novas forma de tecido urbano**. São Paulo: Via das Artes, 2006 – 201p.

RIO, Vicente Del; RHEINGANTZ, P. A.; KAISER, Scott. **New Urbanism, Smart Growth e LEED-ND: Novos Rumos para o Projeto Urbano nos E.U.A. e possíveis ensinamentos para o Brasil**. In: *Projetar 2009: Projeto como investigação*, 2009, São Paulo. *Projeto como investigação: antologia*. São Paulo: Altermarket, 2009. v. 1. p. 1-17.

ROGERS, Richard; GUMUCHDJAN, Phillip. **Cidades para um pequeno planeta**. 2. ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2016.

ROMERO, Marta A. B. **Frentes do Urbano para a Construção de Indicadores de Sustentabilidade Intra Urbana**. In Paranoá: cadernos de arquitetura e urbanismo da FAU-UnB. Ano 6, n. 4 (novembro/2007). Brasília: FAU UnB, 2007.

SASSEN, S. **Sociologia da globalização**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

SOARES, P. R. R. **Cidade médias e aglomerações urbanas: a nova organização do espaço regional no sul do Brasil**. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL CIDADES MÉDIAS. 1. 2005, Presidente Prudente. Anais do Cimdepe. Presidente Prudente: Gasper, 2005

SOMEKH, Nadia; CAMPOS, Candido Malta C. **Desenvolvimento local e projetos urbanos**. São Paulo, *Arquitextos*, 059.01ano 05, abril de 2005. Disponível em: <http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.059/470>. Acesso em 01 de outubro de 2018.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Mudar a Cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbana**. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2002.

The California Institute for Smart Communities, San Diego State University, 2004